

# A PRIMEIRA GRANDE GUERRA E A MOBILIZAÇÃO TOTAL: A INEVITABILIDADE DO RECRUTAMENTO PLANETÁRIO

*THE FIRST WORLD WAR AND TOTAL MOBILIZATION:  
THE INEVITABILITY OF PLANETARY RECRUITMENT*

**Catarina Isabel Santos Patrício Leitão**

Doutorada em Ciências da Comunicação  
Investigadora em Cultura Contemporânea  
no CECL e LabART  
Lisboa, Portugal  
catarinapatricioleitao14@gmail.com

**Título breve:** A inevitabilidade do recrutamento planetário

## **Resumo**

O progresso técnico nos transportes e comunicações, e que fenomenologicamente se traduz nas velocidades sentidas na Modernidade, abriu caminho a novas ordens espaciais, como o espaço aéreo ou até mesmo o orbital. Com efeito, e no início do século XX, *do ar chegava o terror*. Neste artigo, procuraremos dar conta dessa complexa mutação tendo por pano de fundo uma analítica à *A Mobilização Total* de Ernst Jünger (Jünger 1930). Fora desde logo a partir das primeiras motorizações nas guerras que a resistência e a ação do coletivo passou a abarcar necessariamente a máquina e suas extensões. Muito definitivamente, a técnica conduz a história e a guerra, contribuindo para um labor que entretanto se tornou planetário. Já não há nada, objeto ou sujeito, que não esteja ao serviço de uma mobilização que se consuma nela mesma.

**Palavras-Chave:** Guerra Aérea, Mobilização Total, Modernidade, Técnica, Cronopolítica.

**Como citar este artigo:** Leitão, C., 2015. A Primeira Grande Guerra e a Mobilização Total: a Inevitabilidade do Recrutamento Planetário. *Revista de Ciências Militares*, maio de 2015 III (1), pp. 65-80.  
Disponível em: <http://www.iesm.pt/cisdi/index.php/publicacoes/revista-de-ciencias-militares/edicoes>.

**Short Title:** *the inevitability of planetary recruitment*

**Abstract**

*Technical progress in transport and communications, phenomenologically translated in the speed experienced in Modernity, opened the way for new spatial orders, like the airspace or even orbital space. Indeed, and in the early twentieth century, from the air came terror. In this article, we will explore this complex mutation taking place against the backdrop of Ernst Jünger's Total Mobilization (Jünger 1930). Since the first motorized wars, resistance and action necessarily began to encompass the machine and its extensions. Very definitely, technics guides history and war, contributing to a work that has ever since become Global. There is no longer anything, object or subject, that is not recruited by a mobilization that is consumed in itself.*

**Key-Words:** *Aerial Warfare, Total Mobilization, Modernity, Technics, Cronopolitics.*

*Abraham Lincoln may have freed all men,  
but Sam Colt made them equal.*

Ditado popular do pós Guerra de Secessão

**1.**

Na guerra<sup>1</sup> agudiza-se uma transcendência absoluta, apenas resolvida no conflito ou numa improvável paz. É um mal superior e depois dela nada mais resta; é o arranque e projeta para o exterior a violência latente ao animal-humano, revelando simultaneamente o movimento do mundo e a metaestabilidade da matéria. Liberta forças, provoca possibilidades, a guerra sempre enlaça a arregimentação de energias, tanto as do homem como as da natureza, culminando com uma complexa concretização instrumental da técnica. Foi a guerra que moldou o mundo, compôs a história, permitiu progressos assombrosos, recortou países, consolidou fronteiras alargando outras, sempre à custa de muito sangue, e a sua influência não estacionará jamais, muito seguramente.

Parece haver dois conceitos para a guerra. Um conceito moderno, que vê a guerra como uma coisa aterradora que tem de ser evitada a todo o custo<sup>2</sup>, mesmo que isso implique mais guerras, e um outro conceito, mais arcaico, em que guerra e guerreiros são exaltados. Heráclito dizia que a guerra é «*a origem de todas as coisas e de todas ela é soberana, e a uns ela apresenta-os como deuses, a outros, como homens; de uns ela fez escravos, de outros, homens livres.*» (Heráclito cit. por Kirk et. al 1983, 200)<sup>3</sup>. Certo é que, enquanto violência coletivamente organizada, a guerra precede à formação das instituições sociais e,

---

<sup>1</sup> A raiz etimológica da palavra guerra diz-se que provém do inglês arcaico *wyrre*, ou de origem frâncica *werra*, ou do proto-germânico *werso*, remetendo qualquer delas para a luta, discórdia, contenda e violência (Guha 2011, 17).

<sup>2</sup> O conceito moderno de guerra surgiu no final do século XVII e foi marcada por condições sócio-históricas específicas emergidas do declínio do modelo religioso (Guha 2011, 17).

<sup>3</sup> Na metafísica de Heráclito, esquema pré-socrático que influenciara Simondon, assume-se o mundo como um fluxo permanente. Aí, a guerra é o catalisador da mudança e sem a guerra a humanidade não progredia.

seja qual for o momento em que a tomemos, dos mais remotos episódios da pré-história até à contemporaneidade, sempre se apresenta como um sistema extremamente complexo onde se misturam questões de ordem muito diferente: desde a técnica à linguagem, da política à filosofia, e da teologia à arte.

O progresso técnico nos transportes e comunicações, e que se traduz fenomenologicamente nas velocidades sentidas na Modernidade, abriu caminho a novas ordens espaciais. Com início do século XX, «*o terror chega do ar*» (Sloterdijk 2002) e com o surgimento da guerra aérea, a guerra convencional dá lugar a uma Guerra Total que o «nomos da terra»<sup>4</sup> não consegue conter. Procuraremos de seguida dar conta dessa complexa mutação, tendo por pano de fundo uma analítica à *Mobilização Total* de Ernst Jünger (Jünger 1930).

## 2.

Ernst Jünger suplantou a crise dos nacionalismos que marcaram as Guerras Mundiais e traçou um pensamento verdadeiramente global. Em *A Mobilização Total* o escritor-militar percebe como a técnica moderna excedia já totalmente a iniciativa individual do soldado. É um corpo coletivo que agora se apresenta ao trabalho e à guerra, um corpo que compreende muito mais do que a orgânica da massa humana, que já não é recrutada para a proximidade da luta corpo a corpo, mas que antes integra um complexo conjunto de redes e máquinas. E, com efeito, a *Mobilização Total* foi-se tornando uma figura essencial para traçar a Modernidade<sup>5</sup>.

Escrevendo sobre a premente atuação e uso da técnica moderna, Jünger fez convergir o romantismo alemão e o espírito heroico do aristocratismo militar, de que é herdeiro. Entre as sangrentas Guerras Mundiais, em plena crise existencial do modelo político burguês e depois da fraturante ascensão do modelo comunista, circunstâncias que ameaçavam profundamente o ambiente europeu, Jünger assume-se como um incontornável testemunho histórico, mas também poético, da mutante realidade da primeira metade do século XX.

A partir da motorização das guerras, a resistência e a ação do coletivo passou a abarcar necessariamente a máquina e suas extensões. Ainda assim, intemporal, o combate deveria constituir-se como recompensa em si mesmo, porque, como exorta Jünger, não há *espírito heroico* que não saia sublimado no êxtase coletivo. Contudo, e embora se revele essencial, o lado técnico da mobilização não era, para o escritor, a sua vertente mais decisiva. Como diz, no quarto parágrafo de *A Mobilização Total*, a *prontidão* para se ser mobilizado é que se tornou verdadeiramente determinante. A crescente motorização do Estado, estimulada pela aceleração no progresso técnico, vai, ininterruptamente, arregimentando tudo e todos à sua passagem. É que «*o espírito da guerra foi penetrado pelo espírito do progresso*»:

<sup>4</sup> Palavra grega que define todas as medidas e disposições (Schmitt 1950, 70). Deve-se a Carl Schmitt a recuperação desse inicial movimento fundador das instituições jurídicas e que desencadeara as guerras. Num inquietante livro do Pós-Guerra, *O Nômos da Terra* (Schmitt 1950), a «*toma da terra*» primitiva lança o *nomos* e sustenta todos os regimes de propriedade e de divisão do espaço.

<sup>5</sup> Como Peter Sloterdijk reconhece em *A Mobilização Infinita*, para uma crítica da cinética política (1989), no capítulo «*A Idade Moderna como Mobilização*», mais concretamente porque enfatiza a «*realidade cinética da Modernidade enquanto mobilização*» (Sloterdijk 1989, 27).

*Perhaps we can best identify the special nature of this great catastrophe by the assertion that in it, the genius of war was penetrated by the spirit of progress. This was not only the case for the fighting among the different countries; it was also true for the civil war that gathered a rich second harvest in many of them. These two phenomena, world war and world revolution, are much more closely interrelated than a first glance would indicate. They are two sides of an event of cosmic significance, whose outbreak and origins are interdependent in numerous respects. (Jünger 1930, 123; ênfase nossa)*

Guerra e revolução conflagram. Enlaçados como estão no seu idealismo romântico, são para o escritor acontecimentos absolutamente dependentes e idênticos na forma como eclodem no mundo, precisamente porque se revestem de transcendência atemporal, e essa é apenas realizável no espírito. Mas ainda assim, estará por vir, diz o escritor, um total entendimento do que é latente na ideia de progresso, isto é, estará por perceber a «*máscara da razão*» que estende «*finos arames que realizam movimentos tão subtis*» (Jünger 1930, 124). Mas de forma a desdobrar tais energias, «*não basta armar o braço que carrega a espada*» porque a mobilização terá de se realizar por dentro, numa armadura até a medula, «*até ao mais fino nervo da vida*», para que a sua realização se articule numa elaborada «*rede eléctrica da vida moderna*», canalizando energia para a «*grande corrente da potência bélica*» (Jünger 1930, 127-128). Será, portanto, a «*nova moral do progresso*», isto é, o fervor que se sente no mundo libertado pela experiência da técnica, que faz estender os fios que Jünger testemunha, mais concretamente nas individuações que desencadeia.

Muito definitivamente, a técnica atua sobre a história e sobre a guerra, contribuindo para um labor que entretanto se tornou planetário. Já não há nada, objeto ou sujeito, que não esteja ao serviço de uma mobilização que se consuma nela mesma, «*muito mais do que por nós*»:

*With a war breaking out in such an atmosphere, the relation of each individual contestant to progress was bound to play a decisive role. And precisely therein lies the authentic, moral factor of our age. (Jünger 1930, 124)*

Pela mobilização, a imagem da guerra ganha o aspeto de um gigantesco *processo laboral*<sup>6</sup>. Não existe qualquer *movimento*, do comércio ao transporte, ou mesmo até ao trabalho no domicílio, longe dos olhares de todos, que não esteja já ligado ao campo de batalha<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Recuperemos as palavras de Jünger: «*In the same way, the image of war as armed combat merges into the more extended image of a gigantic labour process [Arbeitsprozesses]. In addition to the armies that meet on the battlefields, originate the modern armies of commerce and transport, foodstuffs, the manufacture of armaments the army of labour in general.*» (Jünger 1930, 126)

<sup>7</sup> Submetendo, desta feita, tudo à era das massas e da técnica: «*Total Mobilization is far less consummated than it consummates itself; in war and peace, it expresses the secret and inexorable claim to which our life in the age of masses and machines subjects us. It thus turns out that each individual life becomes, ever more unambiguously, the life of a worker; and that, following the wars of knights, kings, and citizens, we now have wars of workers. The first great twentieth century conflict has offered us a presentiment of both their rational structure and their mercilessness.*» (Jünger 1930, 128)

Arregimenta até quem não tem qualquer vínculo a uma carreira militar, retendo toda a riqueza até ao último centavo, até à última reserva<sup>8</sup>.

A premente necessidade e esforço coletivo numa mobilização geral auto-enfatiza-se num caminho absolutamente novo e sulcado pela técnica moderna. Tudo será recrutado, mesmo que esteja à distância, porque a técnica *alcança tudo à distância*. Não há já nenhum elemento que não seja uma componente logística.

Assim, a *Mobilização Total* orienta, deveras, um recrutamento universal.

Pelo ilimitado labor que o espírito da mobilização incutiu no mundo, e que inclui agora homens e máquinas reunidos em conjuntos, vive-se planetariamente engajado num complexo emaranhamento de movimentos inclusivos. Isto porque nada escapa à mobilização, nem um único “átomo”:

*With a pleasure-tinged horror, we sense that here, not a single atom is not in motion – that we are profoundly inscribed in this raging process.* (Jünger 1930, 128)

Depois do trabalho se ter tornado ilimitado e atuante sobre todos os reservatórios, a captação é absoluta e transforma inteiros países industriais, até mesmo continentes, em potentes «oficinas vulcânicas» (Jünger 1930, 127). É assim que na aceleração industrial do pós-guerra surge uma *figura* ímpar: o *trabalhador*. Depois da destruição do mundo pela guerra, eis a sua reconstrução<sup>9</sup>.

A figura do trabalhador representa em *O Trabalhador* (1932) um novo comprometimento com um mundo a partir de uma construção que se espera tanto orgânica quanto técnica. Porém, e desde logo, Jünger descarta a «*ditadura do pensamento económico em si*»<sup>10</sup>, desvelando indícios do seu aristocratismo militar. Nessora, sobre as massas e sobre a figura do operário, evidencia-se um afastamento geral do marxismo porque, no seu entender, o trabalhador não é um sacrificado, mas antes uma figura mítica e, sublinhe-se, de potência planetária<sup>11</sup>. Do trabalhador metafísico, a uma fenomenologia do moderno, eis as possibilidades técnicas que Jünger encontrara na guerra e que formam a história e

<sup>8</sup> Observável nas restrições à exportação, um dos exemplos referidos por Jünger na *Mobilização Total* (1930).

<sup>9</sup> Sobre *O Trabalhador*, consultámos a tese de mestrado de Edmundo Cordeiro, orientada por José Bragança de Miranda. A propósito da guerra, Cordeiro sintetiza bem a passagem da *Mobilização Total* (1930) para *O Trabalhador* (1932): «*À destruição seguir-se-ia a construção: a segunda fase prognosticada por Jünger. Claro está que Der Arbeiter descreve o início do primeiro processo, mas a partir da visão do todo, da totalidade que é a figura do trabalhador: esta, enquanto potência metafísica, é simultaneamente destruidora e construtora, o seu domínio <Herrschaft>, e a consequente possibilidade de construção, implicam a destruição dos obstáculos*». (Cordeiro 1994, 52)

<sup>10</sup> «[...] o trabalhador não é um fenómeno ou um tipo subsumível a uma liberdade abstracta, não é uma nova classe que, na sociedade, luta contra o domínio de uma outra, e, por consequência, não emerge no seio de uma realidade económica enquanto pretendente a novas condições ou a uma nova ordem económica. Ver o trabalhador através destas lentes, eis o traço da dominação dos valores de apreciação iluministas, presentes tanto naqueles que, por essa apreciação, não são trabalhadores, não são os trabalhadores de que falam, como nos chamados movimentos de trabalhadores». (Cordeiro 1994, 29)

<sup>11</sup> Como diz na entrevista a Julien Hervier: «*Je vois dans le Travailleur une figure mythique qui fait son entrée dans notre monde; et les questions du XIX<sup>ème</sup> siècle, qui portent sur l'essentiel sur l'économie, n'interviennent chez moi qu'en seconde ligne.(...) Ce qui importe, dans Le Travailleur, c'est la vision.*» (Jünger cit. por Cordeiro 1994, 25)

as nações. Isto porque «[...] é a história que depende da figura e não a figura que depende da história.» (Cordeiro 1994, 57).

Jünger lê desta maneira o mundo e o seu progresso. Do confronto armado irrompera um método e governo (*Herrschaft*) de transformação da vida e da história, conduzido por uma forma particular – a «forma a fazer-se» que é *Gestalt*. Do trabalho irrompe «*uma nova consciência da liberdade e responsabilidade*» de construir mundo:

Deve reconhecer-se o seguinte: que o domínio e serviço são um e o mesmo. [...] Daí que todos os pontos que, nesta era o alemão conseguiu atingir, tivessem sido não obstante atingidos: o movimento encontrou--se em todas as áreas num elemento estranho e não natural. O fundo real como que só com escafandros podia ser pisado; o trabalho decisivo realizou-se num espaço mortal. Honra a estes caídos que a tremenda solidão do amor ou do conhecimento despedaçou, ou que o aço deitou por terra sobre as ardentes colinas do combate! (Jünger 1932, 51)

De *Der Arbeiter*, e da sua imensa profundidade, sublinharemos somente a forma como Jünger aponta para o surgimento de uma nova Alemanha, depois da devastação da guerra. Uma nova nação-mundo (ou mundo) ascenderá, portanto, através da figura do trabalhador – e não sem violência, como se percebeu com a Segunda Guerra Mundial e com o infame projeto do III Reich.

E a guerra será total enquanto a mobilização for total – e infinita. Ou seja, enquanto se empnharem todos os recursos até às reservas.

Para Carl Schmitt, uma das referências mais incontornáveis no direito internacional, o Estado está mandatado para impor a Guerra Total sobre um adversário sem restrição de meios, quando tem a força legislativa para executar qualquer manobra que possa aniquilar o inimigo no plano militar, político e económico. Da neutralização à destruição integral, a Guerra Total como forma de fazer a guerra, supera toda a diferença entre combatentes e não-combatentes, incorporando tudo numa totalização que abrange as áreas extramilitares como as energias psíquicas e morais dos não-combatentes. Naquele que ficou para a história como o «*Discurso da Guerra Total*», proferido no histórico 18 de Fevereiro de 1943, Goebbels perguntara à totalidade do povo alemão:

*The English claim that the German people does not want total war but capitulation. I ask you, do you want total war? Do you want it to be still more total, more radical than we can imagine it today?* (Virilio 1984, 72)

É pois com a aprovação trágica de um entusiasmado povo mobilizado que Goebbels declara: «*que a tempestade se inicie!*» – a partir daqui, a guerra suplantarás as dimensões espaciais abarcando a totalidade do planeta, sem limite nem fim.

É sabido como a guerra não atinge apenas a materialidade das nações mas, também, o seu espírito. Daí que Jünger exorte claramente ao misticismo alemão<sup>12</sup>, como já havíamos dito. Walter Benjamin haveria de pôr a descoberto a sua fórmula ideológica<sup>13</sup> em *Teorias do Fascismo Alemão* (Benjamin, 1930). Para Benjamin, o texto de Jünger não passa de uma transposição das teses *da arte pela arte* para a guerra, e é justamente por isso um projeto perigoso: não tanto pela incontornável questão das finalidades e propósitos do fazer guerra, mas da guerra como um fim em si mesma – até porque nessa disposição para a estética da guerra, como diz Benjamin, ameaça-se o real com uma guerra ilimitada (Benjamin 1930, 121).

Se para Jünger é a prontidão para a mobilização, e a arregimentação de todo o arsenal humano e técnico, aquilo que fora absolutamente determinante na Guerra de 1914-1918, para Benjamin, é desde logo o desejo por tamanha mobilização aquilo que sublinha a impreparação humana para tomar a técnica «*como órgão seu*»<sup>14</sup>. E o filósofo evidenciará ainda como os objetos técnicos, também eles, não estavam preparados para refrear tal ímpeto destrutivo natural ao homem.

Dito de outro modo, a obsessão pelo controlo e ilusão de comando do homem sobre a natureza atesta a sua insuficiente maturidade para lidar com as novas possibilidades que a técnica intensifica. Aí reside a ameaça. Como sintetiza Benjamin, ele mais uma vez mas na *Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica* (Benjamin 1939):

É o que sucede com a guerra que, com as suas destruições, demonstra que a sociedade não tinha a maturidade suficiente para incorporar a técnica como órgão seu, e de que a técnica não estava suficientemente desenvolvida para dominar as suas forças sociais elementares. (Benjamin 1939, 113)

Pois em vez de estar mobilizado para a guerra e *lançando bombas*, o avião deveria estar mobilizado para a humanidade, *lançando sementes*. É o que diz o filósofo alemão. Mais ainda, assegura Benjamin, a fórmula fascista levará a uma espécie de suicídio coletivo, porque enfatiza a alienação de se estar centrado em si mesmo, na pura *hybris* de quem «espera que a guerra forneça a satisfação artística da percepção dos sentidos alterados pela técnica» (Benjamin 1939, 113). Note-se que a Alemanha, quer na Primeira como na Segunda Guerra

<sup>12</sup> Atente-se à fórmula heróica: «*It goes against the grain of the heroic spirit to seek out the image of war in a source that can be determined by human action. Still, the multitudinous transformations and disguises which the pure form [Gestalt] of war endures amid the vicissitudes of human time and space offers this spirit a gripping spectacle to behold.*»(Jünger 1930, 122-123)

<sup>13</sup> Consulte-se o ensaio «Teorias do Fascismo Alemão» (1930) de Walter Benjamin. Veja-se a passagem: «*War – the “eternal” war they talk about so much here, as well as the most recent one – is said to be the highest manifestation of the German nation. It should be clear that these authors have had little success in perceiving these relationships.*» (Benjamin 1930, 122)

<sup>14</sup> Acompanhe-se a citação: «*o poder da guerra fornece evidências de que a realidade social não estava preparada para fazer da técnica um órgão seu e de que a tecnologia não estava forte o suficiente para dominar as forças elementares da natureza*» (Benjamin 1930, 120. Tradução nossa).

Mundial, sempre remetera para a técnica todas as responsabilidades<sup>15</sup>, e é também isso que se lê em *Teorias do Fascismo Alemão* (Benjamin 1930).

Na guerra aérea, a arma química foi um procedimento abominável – o gás é um horror *durável* que afeta não só os contingentes mobilizados como o ambiente em seu redor. Em *Terror vindo do Ar* (Sloterdijk 2002), Peter Sloterdijk faz coincidir o início século XX com a batalha de Ypres a 22 de Abril de 1915, quando a Alemanha lançou contra as tropas franco-canadianas as primeiras bombas de gás clorídrico. E não só porque a inovação da guerra química dilacera a guerra convencional mas, também, porque o ar absorveu a terra e o mar como frentes de batalha. Como reparara Carl Schmitt no seu livro *Terra e Mar* de 1954 (Schmitt 1954), é sintomático que tenha sido uma nação continental, e não uma potência marítima, a desvelar tal novo meio<sup>16</sup>.

### 3.

A *colisão entre a guerra sobre o mar e a guerra sobre a terra* desenrolava-se num mesmo plano. Os adversários estão co-presentes sobre um teatro de operações que se apresenta relativamente homogêneo, e que se estende horizontalmente. Porém, com a conquista do espaço aéreo, descerra-se um novo elemento, o ar, produzindo-se uma nova imagem do mundo, mais abrangente e planificada: uma espécie de cartografia em tempo real desvelada a bordo dos aviões de reconhecimento.

Para Carl Schmitt, a conquista do espaço aéreo mudou radicalmente o «face-a-face horizontal», derrubando finalmente o chão *porque a guerra aérea já não tem palco nem espectadores*<sup>17</sup>. O confronto entre adversários deixa de ter *frente* de batalha, tem apenas um horizonte. É com essa abolição da planura do território que termina *o nomos* da terra.

Considerando que a cada avanço tecnológico sobre um meio físico, sobre um novo elemento, é operada uma modificação na imagem que temos da totalidade da Terra, essa imagem leva, simultaneamente, a recomposições do *nomos*. Mas também saem renovadas a estratégia, a tática e a logística nas guerras. Assim, não se assentam somente os regimes de propriedade e os domínios de soberania territorial, mas calculam-se e experimentam-se ainda novas capacidades de ação, de velocidade de meios, ensaiam-se novos padrões de força e arregimentação humana, modificando profundamente os modelos de circulação e de informação. Seguindo o pensamento schmittiano, a cada novo meio que se desvela, altera-

---

<sup>15</sup> A este propósito, vejam-se as alegações de Albert Speer durante o julgamento de Nuremberga: «*Hitler's dictatorship was the first in an industrialized state, a dictatorship which, in order to dominate its own people, used all technical means to perfection... thus, the criminal events of recent years were not due to Hitler's personality. The enormity of these crimes may also be explained by the fact that Hitler was the first who used the means offered by technology to commit them.*» (consultado em Virilio 1984, 67)

<sup>16</sup> «*In a few years, between 1890 and 1914, one of the countries of continental Europe, Germany, caught up with England and even manages to surpass her in certain sectors such as machine-building, ship-building and steam-engines.[...] The invention of the airplane marked the conquest of the third element, after those of land and sea. Man was lifting himself high above the plains and the waves, and in the process, acquired a new means of transportation as well as a new weapon. Standards and criteria undertook further changes. Hence, man's possibilities to dominate nature and his fellow man were given the widest scope. It is easy to understand why the air force was called "space weapon".*» (Schmitt 1954, 57)

<sup>17</sup> «*plus de théâtre (Schauplatz) ni de spectateurs*», Szendy citando Schmitt (Szendy 2011, 36)



-se portanto com ele a *efetividade* dos meios (Schmitt 1950, 54). E porque tal assim acontece, a partir da Primeira Guerra Mundial o poder aéreo<sup>18</sup> dissolveria por fim o raio de influência da *frota em potência*<sup>19</sup>, expandindo definitivamente a guerra a uma escala planetária:

*Aujourd’hui il est par ailleurs déjà concevable que l’air absorbe la mer et peut-être même aussi la terre, et que les hommes transforment leur planète en une combinaison de dépôts de matières premières et de porte-avions. On tracera alors de nouvelles lignes d’amitié au de-là desquelles vont tomber les bombes atomiques et les bombes à hydrogène.* (Schmitt 1950, 55)

Com a guerra aérea, e pelo terrorismo da guerra química, finda o equilíbrio que Carl Schmitt conceptualizara na *Guerra em Forma [Krieg in Form]*<sup>20</sup>, precisamente porque a força que lança o ataque não o dirige de forma exclusiva contra os militares, como tínhamos visto anteriormente, contaminando o ambiente e a população (Sloterdijk 2002, 16). Recuperemos como Walter Benjamin o notara em «Teorias do Fascismo Alemão» (Benjamin 1930):

*Gas warfare, in which the contributors to this book show conspicuously little interest, promises to give the war of the future a face which permanently displaces soldierly qualities by those of sports; all action will lose its military character and war will assume the countenance of record setting. The most prominent strategic characteristic of such warfare consists in its being waged exclusively and most radically as offensive. And we know that there is no adequate defence against gas attacks from the air.* (Benjamin 1930, 121)

<sup>18</sup> Também a invenção do *U-boat*, abreviando *Unterseeboot*, que significa submarino em alemão.

<sup>19</sup> Introduzida no final do século XVII pelo almirante inglês Arthur Herbert, a *frota em potência* (*fleet in being*) preconiza a permanente presença no mar de uma armada «invisível», e que ancora a sua estratégia na aplicação indirecta da força: sem nunca deixar o porto, desdobra o seu poder de influência sobre o adversário. Sem usar redes e interatividades que só muito posteriormente lhe sobrevieram, esta frota em potência é prototípica porque é verdadeiramente telemática. Em suma: opera à distância. Daí que se constitua como esquiço para todas as estratégias dissuasórias. Vejamos como a frota em potência se desdobra logisticamente: «*The fleet in being is logistics taking strategy to its absolute point, as the art of movement of unseen bodies –, it is the permanent presence in the sea of an invisible fleet able to strike no matter where and no matter when, annihilating the enemy’s will to power by creating a global zone of insecurity in which it will no longer be able to “decide” with certainty, to want – in other words, to win. Thus, it is above all a new idea of violence that no longer comes from direct confrontation and bloodshed, but rather from the unequal properties of bodies, evaluation of the number of movements allowed them in a chosen element, permanent verification of their dynamic efficiency*» (Virilio 1977, 61-62).

<sup>20</sup> A guerra em forma schmittiana pressupunha um equilíbrio entre potências. O terrorismo sublinha a desigualdade entre potências. Como diz Sloterdijk: «What dictates this shift is the emergence of encounters between opponents vastly unequal in strength – as we see in the current conjuncture of non-state wars and hostilities between armed forces and non-state combatants. In retrospect, the curious thing about the military history of gas warfare between 1915-1918 is the fact that through it – and on both sides of the front – state-sponsored forms of environmental terrorism became integrated into so-called regular warfare, between lawfully recruited armies. This was, it must be said, in explicit violation of the Article 23 of the 1907 Hague Convention, which expressly forbade the use of any kind of poison or suffering-enhancing weapons in operations against the enemy, and a fortiori against the non-combatant population». (Sloterdijk 2002, 16-17)

A utilização particularmente cruel das substâncias químicas que vêm do ar marcam distintamente os espíritos. Mais ainda, com a *guerra do gás*, o alvo extravasa o corpo do adversário: o voo e o manejo das substâncias expandem o perímetro da destruição, que contamina o ambiente, as cidades e as comunidades civis. Daí por diante, a cidade passou a compartilhar a essência de um *bunker*, como o repara bem Paul Virilio:

*For me the bunker is a kind of metaphor for suffocation, asphyxiation, both what I fear and what fascinates me* (Virilio 1975, 23)

Na sufocação e asfixia da clausura do bunker, na atmosfera contaminada das cidades – o ar tornou-se irrespirável.

Com a entrada das armas químicas no terreno da batalha, a guerra convencional deu lugar, lembre-se, a uma guerra total e infinita. Hoje vemos, como dizia Jünger, através das fendas da torre de Babel, sinais de um progresso tão *indecifrável como hieróglifos*. E assevera o escritor-militar, a propósito da Primeira Guerra Mundial, que *«a última guerra possui um significado que nenhuma aritmética pode dominar»* (Jünger 1930, 139). Faça-se a partir daqui a seguinte síntese: a Primeira Guerra Mundial foi o primeiro conflito que mobilizou o mundo por meio de uma proposição técnica. Porém, já havia operantes máquinas de gestão planetária, como o cristianismo. Agamben mostra bem, na entrevista «Da Teologia Política à Teologia Económica: Entrevista com Giorgio Agamben» (2004), como a economia teológica da salvação era já uma fórmula de gestão mundo e, sobre este aspeto, já uma mobilização. A diferença é que agora é uma mobilização geral e física, e não apenas “espiritual” como na Idade Média. Mas existem restos do modelo por todo o lado, e há que fazer uma breve nota a esse respeito.

Resumindo a ideia, da teologia Cristã provieram dois paradigmas gerais. E Agamben pensou-os a partir, sobretudo, da filosofia política de Carl Schmitt. Um dos modelos é claramente a teologia política, que se baseia na transcendência do poder soberano de Deus; o outro é a teologia económica *«[...] que substitui tal ideia com uma oikonomia, concebida como uma ordem imanente – doméstica e não política em sentido estrito, tanto da vida divina como da vida humana»* (Agamben 2004, 3). E acrescenta ainda, explicando o seu desenvolvimento e receção: que *«do primeiro paradigma derivam a filosofia política e a teoria moderna da soberania; do segundo, a “biopolítica” moderna, até o atual triunfo da economia sobre qualquer aspeto da vida social»* (Agamben 2004, 3).

Percebe-se que, quando reunidas certas condições, a mobilização total progrediu para uma fórmula cronopolítica, atualizada concretamente no presente modelo do capitalismo<sup>21</sup>. Aí triunfa a economia e a mobilização sobre a vida social.

<sup>21</sup> Diz Agamben que : *«Afirmar que procuro reconstruir a essência do capitalismo é sem dúvida demasiado. Certamente a ideia de uma ordem imanente é essencial, e se encontra também na economia antiga, de Aristóteles a Xenofonte. Sabe-se que a economia grega não é uma economia da produção, mas da gestão da casa, da ordem das coisas. A crematística, o lucro, ficava de fora da economia antiga. Creio, porém, que tal ideia de ordem que estamos acostumados a pensar como secundária na economia moderna, constitui, pelo contrário, um pressuposto essencial, e isso vincula a economia antiga à economia moderna. O paradigma teológico representa uma espécie de elemento médio entre as duas.»* (Agamben 2004, 3)

## 4.

A noção de tempo global, e a tentativa de superação dos fusos horários nacionais em proveito de um tempo único planetário, leva a que, na era da informação, se recrute deveras o mundo. Essa regulação do tempo e das velocidades lemos enquanto *cronopolítica*<sup>22</sup>.

Para haver um movimento totalizante terá de haver sincronia absoluta. A sincronia potenciada pelas transmissões em direto, poder-se-á pensar como uma mobilização – porventura na *Babel* de que falava Jünger em *A Mobilização Total* (Jünger 1930). Mas de uma Babel quase a rebentar e sempre pronta para a guerra. É esse, lembre-se, o *espírito* da mobilização. Nem guerra, nem paz, mas enfatizado na própria *prontidão para*, denotando o cariz militar, e que se desvela na operação de *mobilizar*. Daqui por diante, a figura do trabalhador ficou deveras ao serviço de todo um contingente transnacional, patente nos tratados e organizações que sobrevieram ao fim da Segunda Guerra Mundial.

Mas antes ainda, e desde a Revolução Industrial, que se intensificaram os conflitos, «*reduzindo o tempo da guerra*» (Virilio 1975, 21): guerras que duravam décadas são substituídas por guerras «*cirúrgicas*» que duram dias – veja-se o encurtamento não apenas semântico que vai da *Guerra dos Cem Anos* (1337-1453) à *Guerra dos Seis Dias* (entre 5 e 10 de Junho de 1967), até se atingirem as «*possibilidades muito limitadas de uma Guerra Nuclear*»<sup>23</sup> que, pela capacidade de garantir a destruição mútua, pode pulverizar o mundo em horas, assim se suspeita.

Quando nos anos 90 surge a transmissão em *direto*, inseparável do enquadramento catódico de onde aflorou e logo indissociável da imagem e sua moldura, enfatiza-se o tempo real da instantaneidade entre emissão e receção. Neste quadro, segundo Paul Virilio, o espaço, o tempo, a imagem e finalmente a história, comprimem-se para *desaparecer* na história<sup>24</sup>. Mas será real essa supressão? É certo que se aceleraram as experiências,

<sup>22</sup> A cronopolítica é um termo cunhado por Paul Virilio e designa a relevância política que a dimensão temporal adquire, a partir da aceleração massificada: «*With visual (audiovisual) continuity progressively taking over from the territorial contiguity of nations, which has now declined in importance, the political frontiers were themselves to shift from the real space of geopolitics to the 'real time' of the chronopolitics of the transmission of images and sounds. Two complementary aspects of globalization have, then, to be taken into account today: on the one hand, the extreme reduction of distances which ensues from the temporal compression of transport and transmissions; on the other, the current general spread of tele-surveillance. A new vision of a world that is constantly 'tele-present' twenty-four hours a day, seven days a week, thanks to the artifice of this 'transhorizon optics' which puts what was previously out of sight on display. (Virilio 1998, 13) Veja-se ainda outra passagem: «Following the telescopic hijacking of astronomy, along with domestic television, we are thus seeing the beginnings of another hijacking, this one 'endoscopic', revealing the closing in of terrestrial globe, where the ultimate vanishing point is now to be the centre of the Earth: this kernel where the real space of geopolitical extension has just ended (or more exactly crashed), literally becoming confused with the centre of time, of this real time without localization other than the axis of gravity that still resists the chronopolitical instantaneity of the globalization under the way, in a TEMPORAL COMPRESSION with more serious consequences for human beings than those resulting from shifting tectonic plates of our tiny telluric planet.» (Virilio 2005, 96)*

<sup>23</sup> O General André Beaufre declarou: «*After three hours of nuclear conflict we go headfirst into the unknown.*» (Virilio 1975, 21)

<sup>24</sup> Importa reter a intermitência da imagem em direto: «*Already lost to sight, the Gulf War is receding into the vacuum of consciousness at the speed of the meteorite that apparently came within a hair's breadth of the earth's surface twelve months ago... Overexposed for one hundred long days, this conflict has finally suffered the same fate as the news. The first televisual war, the war of the Persian Gulf has not escaped the law of the genre: now you see it, now you don't. It is enough to make you think the electronic process known as image compression, which allows information to be stored, has promoted the compression of history and finally the disappearance of the event!*» (Virilio 1996, 23)

encurtaram-se as distâncias, e certo é ainda que saiu enfatizada a duração das ofensivas. Daí se ter deduzido a necessidade das teses que procuram regular o tempo.

Tudo aponta pois, para uma extenuação da experiência, quer pela imaterialidade das atuais redes, quer pela subitaneidade da propagação da informação, quer ainda pela motorização geral do real, o que leva a que muitos pensadores da aceleração procurem o tempo como uma dimensão a regular. Paul Virilio, Marc Augé, Hartmut Rosa, e antes ainda Carl Schmitt, apontam para uma desrealização e subtração das experiências espaciais, em detrimento da ênfase das durações que os novos equipamentos técnicos potenciaram. É neste quadro que surge a cronopolítica, enquanto tentativa de controlo do espaço e também como reação à duração encurtada do tempo das experiências, entretanto tornadas planetárias.

A cronopolítica trata, no fundo, do reconhecimento da tensão que se experimenta perante a urgência da duração. Aqui entrever mais uma *cartografia* vinculada a uma *cronometria* planetária, é essa inovação.

Mas daqui emergiu a velocidade, uma nova *força moral*<sup>25</sup>, consagrando a *linha reta*<sup>26</sup> e contrariando a sinuosidade das formas naturais. Os perigos existiram desde logo: «*one must persecute, lash, torture all those who sin against speed*» (Marinetti 1916, 58). Para Marinetti, a velocidade é “naturalmente” *pura, higiénica, agressiva e sintetizando coragem*, ao passo que a lentidão, na sua passividade, é *suja, pessimista* e leva à exaustão<sup>27</sup>. Exortando à velocidade, Marinetti exorta à guerra.

Já para Sun Tzu a velocidade era a essência da guerra:

Em campanha sê veloz como o vento. Ao marchares, à vontade, terás a majestade da floresta. Nos ataques súbitos e no saqueio copiarás o fogo. Prado, imitarás as montanhas. Tão insondável como as nuvens, move-te como o corisco (Tzu, séc. IV a.C., 85).

A velocidade surge em Virilio como uma referência absoluta, mas que procura refrear com o estabelecimento de uma nova linha de pensamento, a *dromologia*<sup>28</sup>. A dromologia é a ciência da aceleração que tem por objeto de estudo a natureza daquilo que Henri Bergson

---

<sup>25</sup> Filippo Tommaso Marinetti propala ruidosamente a velocidade e a guerra. Também ele faz corresponder a Modernidade ao desaparecimento da aglutinadora presença de Cristo, ensaiando a substituição de nova moral – a moral da velocidade: «[...] *the new religion-morality of speed is born this Futurist year from our great liberating war. Christian morality served to develop man's inner life. Today it has lost its reason for existing, because it has been emptied of all divinity.*» (Marinetti 1916, 57)

<sup>26</sup> Note-se a apologia da divina linha recta «*Tortuous paths, roads that follow the indolence of streams and wind along the spines and uneven bellies of mountains, these are the laws of the earth. Never straight lines; always arabesques and zigzags. Speed finally gives to human life one of the characteristics of divinity: the straight line.*» (Marinetti 1916, 57)

<sup>27</sup> Veja-se a citação: «*Speed, having as its essence the intuitive synthesis of every force in movement, is naturally pure. Slowness, having as its essence the rational analysis of every exhaustion in repose, is naturally unclean. After the destruction of the antique good and the antique evil, we create a new good, speed, and a new evil, slowness.*» (Marinetti 1916, 58)

<sup>28</sup> Do grego *dromos*, que significa corrida.

designara de *inevitável vitalismo tecnológico* (Virilio 1977, 90), patente nos múltiplos veículos e projéteis, nas inertes fortalezas e bunkers, até aos corpos protésicos dos soldados, corpos estes já fundidos na técnica.

A dromologia fora pois estruturada a partir de três alterações muito significativas, e que surgiram com eficácia a partir da Primeira Guerra Mundial. A saber: (1) uma primeira é dada pela erosão do espaço terrestre pelas velocidades experimentadas com os meios de transporte e que abrange também a conquista do espaço orbital; (2) a segunda, diz respeito à aceleração nas trocas de mensagens veiculadas pelos novos meios de comunicação, primeiro com o telefone e com a rádio, depois com os satélites e internet, e que assinalam uma muito abrupta revolução nas transmissões acrescentando à ideia de presença no espaço, uma *telepresença* à distância. É assim que ao ordenamento do território, depressa povoado por pesados equipamentos como estradas ou vias férreas, realiza-se ainda o controlo imaterial por meio de satélites e cabos de fibra óptica. A dromoesfera será o globo feito num emaranhado de tramas, cabos e vias; a extensão do mundo recoberta por uma película de redes que permitem tanto a circulação como a transmissão massificada. (3) Ainda uma terceira revolução acontece, já não no espaço exterior, mas no espaço *interior*, precisamente porque se prende com a revolução dos transplantes e biotecnologias. Muito embora estas alterações não deixem de se rebater ou de estar ancoradas ao território físico, quando se aceleram os processos e as experiências, a cronometria parece ser determinante na regulação dos fenómenos. E a modernidade revelou isto mesmo: a urgência do tempo sobre o espaço e como a sua gestão se tornou problemática.

Posto isto, e para uma «*crítica da cinética política*» própria às formas e elementos mobilizados e globalizados de que se reveste o capitalismo, o filósofo alemão Peter Sloterdijk escreveria, em 1989 na *Mobilização Infinita, para uma crítica da cinética política* que:

Somente no horizonte de uma mobilização que se tornou omnipresente, pode apresentar-se a ideia de que a tal realidade apenas seria ainda adequada uma espécie de crítica que consiga avançar até uma consciência penetrante de movimento. O que é, mais uma vez, uma formulação equívoca, porque na direção, em que laboriosamente se procura chegar a uma tal consciencialização, não é para a frente, mas o passo à retaguarda, o desengatar-se do processo de aceleração para ganhar distância. Só com hesitação denominamos o lado crítico desta teoria da mobilização segundo um modelo clássico: crítica da cinética política. (Sloterdijk 1989, 51)

Também Sloterdijk viu essa ligação ao tempo – aceleração e duração – ser essencial, mas estendeu a mobilização à *infinitude*.

Incontornavelmente, em *A Mobilização Infinita*, Sloterdijk faz referência à conotação militar que o conceito «mobilização» abarca. É uma categoria do mundo bélico, e não uma

figura retórica, que compreende a necessária capacidade potencial de um contingente para, mesmo quando em reserva, entrar em ação:

A fórmula ominosa da “mobilização total” prepara-nos para o reconhecimento, que continua sendo escandaloso, até quase insuportável, de que há no mundo moderno um processo fundamental político-cinético, que tende a neutralizar *de facto* a diferença, moralmente importante, entre guerra e trabalho e anula cada vez mais a antiga distinção entre a situação de reserva e a entrada em ação. (Sloterdijk 1989, 39-40)

Enquanto processo, a mobilização empurra tudo para a frente, diz o filósofo alemão, impelindo deveras a qualquer realização.

Em ritmo acelerado, a mobilização vai se tornando a expressão fundamental para descrever o processo da modernidade. Em Sloterdijk será *infinita* e reproduz o modelo dinâmico da modernização por meio mecânico (Sloterdijk 1989, 36). Abarca irremediavelmente o mundo, o espaço, mas agora também o tempo e a história. E é diante de um tempo cada vez mais acelerado que a guerra se foi intensificando.

Na mobilização geral de «primeira geração» circulavam essencialmente objetos, pessoas. Com o mundo matricial das redes, não há qualquer objeto, fluxo ou energia que não seja absorvido. Porém, é graças à *crítica da cinética política* que o tema do *movimento* extravasa a física e entra nas ciências humanas, tornando-se a questão central. Sloterdijk percebe-o, acrescentando que foram os marxistas os primeiros a alcançar que esta crítica só seria possível *de um ponto de vista pós-marxista* (Sloterdijk 1989, 51).

Conclua-se referindo que a modernidade tardia é para o filósofo alemão puro *ser-para-o-movimento* e a Idade Moderna como *mobilização* que inscreve a *vontade de poder* enquanto agir que faz andar o mundo. Sabemos como o Homem é fazedor de mundos revelando com isso a sua *utopia cinética*. Porém, acresce agora à história uma *pós-história* enrolada sub-repticiamente, como uma mortalha, em torno de um corpo ainda vivo: a própria modernidade. Sobre o pós-moderno dizer então, seguindo Sloterdijk, que se resume «diagnóstico da época que se vai seguir, na medida em que resultam da disposição de formular o passivo do ativo moderno» (Sloterdijk 1989, 27). O projeto em aberto da Modernidade, enquanto complexo tecnopolítico, desequilibrado a frágil «ecologia da potência e impotência humana» e está portanto fundamentado naquilo a que Sloterdijk designou *de utopia cinética*<sup>29</sup>.

Sobre a política-cinética, é certo que Sloterdijk pretende distanciar-se mas nada diz quanto à cosmovisão jungueriana. De facto, Peter Sloterdijk apenas quer sair fora da cinética e enlentece o processo: «[...] porque a direção, em que laboriosamente se procura chegar a uma tal consciencialização, não é para a frente, mas o passo à retaguarda, o desengatar-se do processo de aceleração para ganhar distância. Só com hesitação denominamos o lado crítico desta teoria da mobilização segundo um modelo clássico: crítica da cinética política» (Sloterdijk 1989, 51).

---

<sup>29</sup> Como o reconhece Sloterdijk: «O carácter de projeto próprio desta nova idade resulta da grandiosa suposição de que nela se possa, em breve, fazer correr a marcha do mundo de tal modo que já só se mova aquilo que nós queremos, racionalmente, manter em movimento através das nossas próprias atividades.» (Sloterdijk 1989, 24)

Compreende-se agora que a tensão que se experimenta entre o espaço e o tempo, e a que chamamos cronopolítica, resulta muito mais de um «*desfasamento geográfico*» em relação à constituição do *nomos* do que da sua absorção pelo tempo. E esse foi inaugurado na guerra aérea. É esse tamanho *desfasamento* que assinala «a singularidade histórica do acontecimento chamado “Modernidade”» (Miranda 1994, 131). Aí se percebe a pertinência das teses da mobilização e inevitabilidade da aceleração.

### Referências Bibliográficas:

Datas dadas entre parêntesis reto referem-se às edições originais das obras citadas.

- Agamben, G. [2004] 2005. «Da Teologia Política à Teologia Económica: Entrevista com Giorgio Agamben». In *Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis* (V2 n. 2). Trad. S. Assman, pp. 1-11. Florianópolis: Edições Universidade Federal de Santa Catarina.
- Benjamin, W. [1930] 1979. «Theories of German Fascism: On the Collection of Essays War and Warrior, Edited by Ernst Jünger» In *New German Critique*, 17, pp. 120-128. Ithaca: Cornell University Press.
- Benjamin, W. [1939] 1992. «A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade técnica». In *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Trad. M. Moita, pp. 71-113. Lisboa: Relógio D'Água.
- Cordeiro, E. 1994. *A figura do trabalhador. Ensaio sobre a técnica segundo Ernst Jünger*. <http://bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-edmundofigura.pdf>
- Durst, D. «From Distraction to Mobilization: Ernst Jünger, Photography, and the Imperial Gaze of the Worker» in *Modernism: Philosophy, Politics and Culture in Germany 1918-1933*, pp. 135-180. Oxford: Lexington Books.
- Guha, M. 2011. *Reimagining War in the 21st Century: From Clausewitz to network-centric warfare*. London: Routledge.
- Jünger, E. [1930] 1993. «Total Mobilization». In *The Heidegger Controversy: a critical reader*. Trad J. Golb & R. Wolin, pp.119-39. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- Jünger, E. [1932] 2000. *O Trabalhador: Domínio e Figura*. Trad. A. Franco de Sá. Lisboa: Hugin.
- Kirk, G. S., Raven, J.E. & Schofield, M. [1986] 1994. *Os Filósofos Pré-Socráticos, História Crítica com Seleção de Textos*. Trad. C.A. Louro Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Marinetti, F. [1916] 2009. «The New Religion-Morality of Speed». In H. Rosa & W. Scheuerman (org.) *High-Speed Society: social acceleration, power, and Modernity*. pp. 57-59. Pennsylvania State University Press.
- Miranda, J. B. 1994. *Analítica da Actualidade*. Lisboa: Vega.
- Santos, J. L. 2009. *Reflexões sobre estratégia VI: As Guerras que já estão aí e as que nos esperam, se os políticos não mudarem*. Lisboa: Europa-América.

- Schmitt, C. [1950] 2008. *Le Nomos de la Terre dans le droit des gens*. trad. E. Kennedy. Paris: Quadrige/Presses Universitaires de France.
- Schmitt, C. [1954] 1994. *Land and Sea*. trad. S. Draghici. Washington: Plutarch Press.
- Sloterdijk, P. [1989] 2002. *A Mobilização Infinita, para uma crítica da cinética política*. trad. P. Castro. Lisboa: Relógio d'Água.
- Sloterdijk, P. [2002] 2009. *Terror from the Air*. trad. A. Patton & S. Corcoran. Los Angeles: Semiotext(e).
- Szendy, P. 2011. *Kant chez les Extraterrestres*. Paris: Minuit.
- Tzu, Sun. [séc. IV a.C.]2001. *A Arte da Guerra*. Trad. R. Iglésias. Lisboa: Europa-América.
- Virilio, P. [1975] 1994. *Bunker Archaeology*, trad. G. Collins. New York: Princeton Architectural Press.
- Virilio, P. [1977] 2006. *Speed and Politics*. trad. M. Polizzotti. Los Angeles: Semiotext(e).
- Virilio, P. [1984] 1989. *War and Cinema – The Logistics of Perception*. trad. P. Camiller. London-New York: Verso.
- Virilio, P. [1996] 2000. *A landscape of events*. trad. J. Rose. Cambridge Massachusetts: MIT Press.
- Virilio, P. [1998] 2000. *The Information Bomb*. trad. C. Turner. London-New York: Verso.
- Virilio, P. [2005] 2007. *Art as far as the eye can see*. trad. J. Rose. Oxford-New York: Berg Publishers.